

ENSINO, DIREITO E FILOSOFIA

TEACHING, LAW AND PHILOSOPHY

JOSÉ EDUARDO GIRAUDO

Agradeço, surpreso e lisonjeado, ao professor Carlos Luciano Silva Coutinho e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade de Brasília pelo convite para aqui dar um testemunho sobre a carreira do professor Flávio René Kothe.

Em português usamos a palavra “coincidência” como sinônimo de “acaso”. Falamos em “mera coincidência”, como equivalente de “mero acaso”. Podemos falar de uma “feliz coincidência” ou de uma igualmente “triste coincidência”.

“Coincidência” é um conceito que vem da geometria, e descreve a sobreposição de duas figuras. Fala-se de dois círculos que “coincidem” sobre um mesmo plano.

É o que ocorre durante o eclipse, quando, desde a perspectiva da Terra, o Sol é eclipsado pela Lua, que se interpõe entre os dois; ou quando a Lua é por seu turno eclipsada pela sombra da Terra.

A primeira vez em que coincidimos o Professor Flávio René Kothe e eu, foi na segunda metade dos anos oitenta do século passado, nos bancos da faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coincidimos espacialmente, já que Flávio ali começara sua carreira universitária, vinte anos antes. Pouco depois, convencido de que o mundo dos bacharéis não era o seu, bandeou-se para o das Letras, cuja “carreira”, como dizem nossos irmãos platinos, concluiu, no Instituto de Letras da mesma UFRGS, e na qual prosseguiu, com os êxitos e os méritos que hoje festejamos.

Coincidimos temporalmente também, e aqui a “coincidência” assume o sentido de contempora-

neidade, simultaneidade ou mesmo de junguiana “sincronicidade”.

Como Flávio, resolvi cedo que o convívio dos bacharéis tampouco era minha vocação – se é que um dia tive alguma digna desse nome. Ao contrário dele, mesmo sem muita convicção, formei-me bacharel.

Passava, no entanto, as aulas, cuja frequência ao meu tempo era obrigatória, sentado nas últimas fileiras das grandes salas do que então chamávamos “casarão de André da Rocha”, lendo romances, poesia, filosofia e história, além das inescapáveis leituras políticas que então, bastante mais que hoje, me apaixonavam.

Se nessa época fazia com afinco meu dever de casa “revolucionário”, atuando no movimento estudantil - entre os estertores da ditadura militar e os primeiros passos da então recém-batizada “Nova República” - e ao mesmo tempo estudando com atenção autores como Gramsci, Althusser e Poulantzas (o que nem de longe era óbvio para uma geração mais com o tesão da prática que com a paciência da teoria), também foi aí que comecei a ler autores como Thomas Mann, Kafka, Faulkner, Pessoa, Brecht, Borges e Calvino.

Não é “mero acaso” ou “coincidência fortuita” que tenha chegado a autores como Lukács, Bloch, Krakauer, Della Volpe e Benjamin, e aos autores da então ainda não démodée “Teoria Crítica”, também conhecida como “Escola de Frankfurt”.

E quem era - quando apenas uns poucos José Guilherme Merquior, Eduardo Portella e Sérgio Paulo Rouanet escreviam sobre Adorno e Horkheimer - um dos maiores “frankfurtianos” no Brasil?

Flávio havia publicado, no longínquo 1976, pela

Francisco Alves, seu “Para Ler Benjamin”; em 1978, publicara, pela Ática, sua tese de doutorado, “Benjamin & Adorno: Confrontos”; traduzira e introduzira o volume dedicado a Benjamin na coleção “Grandes Cientistas Sociais”, organizada, também na Ática, por Florestan Fernandes (patrono, em 1995, de minha turma do Instituto Rio Branco).

Mesmo sem entender tudo, li-os com maravilha. Como devorei, a modo de aperitivo, ou de sobremesa, talvez, os pequenos volumes sobre “O Herói” e “A Alegria”, aparecidos há pouco na coleção “Princípios”, também da Ática.

À mesma altura li ainda as traduções que Flávio publicara de “O Anjo Azul”, de Heinrich Mann, e de “O Perfume”, de Patrick Süskind.

Mentiria, no entanto, se dissesse que li a tradução de “O Capital”, por ele feita em parceria com Paul Singer. Seja como for, tinha-os em casa, os quatro volumes, publicados na coleção “Os Economistas” da editora Abril, comprados ainda quando de seu lançamento, em 1983, meu último ano como aluno do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Em 1989, concluído curso de Direito, fui admitido no Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual passei cinco anos como aluno de mestrado e doutorado. Entre os últimos anos da graduação e os primeiros da pós-graduação, li, de Flávio, sua tese de livre-docência, “Literatura e Sistemas Intersemióticos”, publicada pela editora Cortez em 1981, e também sua tradução e apresentação da poesia de Paul Celan, publicadas no volume “Hermetismo e Hermenêutica”, pela Tempo Brasileiro do já referido Eduardo Portella, em 1985.

Até aí não havíamos, porém, coincidido no mesmo espaço e ao mesmo tempo. Esta “coincidência” teve lugar em 1992, quando Flávio passou um ano como professor visitante da UFRGS. Eu àquela altura cursava, paralelamente ao mestrado em Letras, a licenciatura em Filosofia. E foi na Faculdade de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/

UFRGS que cursei, com Flávio, a disciplina “Seminário Livre de Filosofia”, sobre teoria estética.

No programa, inicialmente, a “Estética” de Hegel e a “Crítica da Faculdade do Juízo” de Emmanuel Kant; e em seguida uma breve introdução às escolas de Moscou, Praga, Tartu e Frankfurt, com as necessárias referências a Nietzsche, Weber, Heidegger.

Claro que um programa assim ambicioso, num curso de graduação de quatro horas-aula semanais, não poderia ser senão um breve sobrevoos sobre as fontes de uma possível estética materialista.

Lembro-me nitidamente das aulas, da clareza sem concessões que Flávio conseguia trazer ao exame dos textos e dos conceitos introduzidos por Shklovsky, Tinyanov, Jakobson, Mukarovsky, Bakhtin ou Lotman.

Depois disso nos encontraríamos em Brasília, para onde me mudei em 1994. Encontramo-nos algumas vezes pessoalmente. Por um tempo considerável não mantivemos contato. Não me lembro de tê-lo visto em 1995 ou 1996, quando dei aulas como professor substituto aqui na UnB, e no CEUB.

Em 1997 prestei (e com orgulho posso dizer que fui aprovado) no concurso para professor auxiliar no Departamento de Teoria Literária da UnB. Quiseram opções pessoais minhas que não viesse a integrar o quadro permanente desta Universidade símbolo da utopia brasileira, na qual agora meus filhos se prepararam para ingressar.

Passei os últimos vinte e cinco anos indo e voltando de Brasília a outras cidades, nas quais meu contato com a vida universitária foi infelizmente muito parco. Nesse período não abandonei completamente a leitura dos livros de Flávio e de autores que conheci por seu intermédio, como Peter Szondi, Peter Bürger, Hans Robert Jauss, Jacques Derrida ou Paul De Man, cujos nomes para mim se confundem com os de Flávio.

De lá para cá, li a trilogia do “Cânone” e a tradução

do *Nachlass* de Nietzsche, publicados pela inestimável Editora da UnB. E voltei a encontrar Flávio. Poucas vezes, muito menos que o desejado. Encontros que, de qualquer forma, sempre me inspiraram e nutriram, na escuta e no diálogo com um professor e amigo que domina e sente-se à vontade nas várias áreas de um campo do conhecimento humano que o nome deste seminário de alguma forma tenta resumir: estética, hermenêutica e semiótica. E não só. Um professor que pagou caro por sua independência e honestidade intelectual, que foi cassado e demitido mais de uma vez; que nunca se abateu diante da perseguição, e dela não fez uma *griffe* ou um *álibi* para eventuais fracassos seus; que nunca cultivou o sectarismo e o espírito das “cliques” e das “panelinhas”; que nunca renegou posições e amigos; que nunca praticou aquele esporte tão comum nos *campi* universitários, que os franceses descrevem como “se renvoyer l’ascenseur”, ou o seu contraponto, a maledicência invejosa e a *Schadenfreude*; que nunca se dobrou às modas acadêmicas que importamos à cada década da América do Norte, essa lamentável pacotilha intelectual que bovinamente reproduzimos nos nossos conatos de modernização reativa. Não, Flávio nunca foi um intelectual *à la page*, *pop*, *politically correct*.

Flávio sempre foi antes de tudo um humanista (outra palavra posta fora de moda pelas políticas fundadas no ressentimento e na ignorância). Um professor que entendeu, desde cedo, e dele não se afastou, o objetivo da atividade de professor, da docência, da educação, da formação, da paideia, enfim.

Para concluir, permitam-me citar um parágrafo da primeira conferência lida em inglês por Werner Jaeger na Universidade de Chicago, em 1937, às vésperas da Segunda Guerra Mundial:

O objetivo da educação não é a atividade lucrativa, mas o homem, ou seja, a verdadeira educação deve desenvolver a natureza e as faculdades humanas como um todo, e não prepará-lo para um trabalho técnico (...) Para os gregos, a educação em geral é uma educação política, desde que tomemos esta palavra em seu sentido mais elevado (...) Voltando-se da contemplação solitária

do cosmos para os problemas sociais do tempo presente, a mente filosófica tentou reestabelecer o sistema da vida em bases racionais. As soluções filosóficas de Platão ou Aristóteles para os problemas práticos da humanidade pressupõem um conhecimento teórico que compreende a totalidade do existente. Esta foi a hora em que nasceu a Universidade, na qual a totalidade teórica do conhecimento se desdobra com o fim prático de educar o homem e de organizar a vida humana. Na filosofia de Platão e de Aristóteles o desenvolvimento da educação grega alcança seu ponto mais alto. A educação não é mais o treinamento da juventude. Ela reivindica a totalidade da vida do homem e se torna o símbolo maior do sentido metafísico da existência e da atividade humanas. Ela continua viva mais de dois mil anos após o fim da vida política e nacional de seus criadores. (Apud BURNSTEIN Stanley M., “‘The Essence of Classical Culture’: Werner Jaeger’s First Public Address in the United States”. *History of Classical Scholarship*, Issue 2 (2020): 115–130).

Portanto, meu caro professor e amigo Flávio René Kothe, não será uma “mera coincidência” o estarmos aqui hoje, reunidos, mesmo que de modo virtual, para prestar-lhe a devida homenagem, no momento em que encerra, como diria um dos pais da sua e nossa disciplina, uma “etapa do caminho da vida”.

Hoje talvez não aceitemos mais a oposição, ou a necessária sucessão, proposta por Kierkegaard, dos momentos estético, ético (ou político), e religioso, incapazes que somos, com ele próprio, de um salto de fé.

Até porque, como dizia não um dos pais, mas um dos avós da sua e nossa disciplina, a vida do homem deve ser “bela, boa e inteligente”, em outras palavras, feliz, justa e examinada. O programa filosófico contido nesta linha de Epicuro, de uma modernidade suprema, parece-me haver encontrado em você um intérprete à altura. Brindemos, pois, à sua vida, que certamente terá sido e continuará sendo “bela, boa e inteligente”.

Parabéns e muito obrigado!